

CORPOS EM DEVIR-FESTA: formas sendo dissolvidas em um currículo*BODIES IN BECOMING-FEAST: forms being dissolved in a curriculum*Camila Amorim CAMPOS¹Maria Carolina da Silva CALDEIRA²

Resumo: As festas compõem com as nossas vidas. São muitos os motivos que temos e encontramos para fazer festas. Não obstante, as festas compõem com o currículo e ocupam nele um lugar significativo. Entendidas, muitas vezes, como um evento da escola em que apresentações são ensaiadas e exibidas às famílias e à comunidade, as festas escolares são, neste trabalho, estranhadas. Assim, este trabalho, inserido na perspectiva pós-crítica em educação, que nos possibilita colocar para dançar as certezas limitantes e homogeneizadoras de se fazer pesquisa, tem como objetivo mostrar como o *devir-festa* atravessa esse currículo e promove rachaduras no que se convencionou chamar de festa escolar. Argumenta-se, então, que um corpo em devir-festa ao contar novas histórias no currículo cria outros modos de vivenciar uma festa. Para analisar as festas forjadas pelos corpos em um currículo e não apenas aquelas feitas com dia e hora marcadas, foram realizadas observações em duas turmas, sendo uma turma do 1º ano do ensino fundamental e a outra do 2º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Além disso, foram realizadas entrevistas com as crianças e adultos da escola para saber o que era entendido como festas e seus efeitos nos corpos. Mostra-se, então, que os corpos em devir-festa, ao criarem aberturas no currículo, promovem rachaduras no que se convencionou chamar de festa escolar.

Palavras-chave: Currículo. Festas escolares. Corpo. Devir.

Abstract: Parties are part of our lives. There are many reasons we have and find to throw parties. However, parties form part of the curriculum and occupy a significant place in it. Often understood as a school event in which presentations are rehearsed and shown to families and the community, school parties are, in this work, strange. Thus, this work, inserted in the post-critical perspective in education, which allows us to put to dance the limiting and homogenizing certainties of doing research, aims to show how becoming-party crosses this curriculum and promotes cracks in what is conventionally called school party. It is argued, then, that a body in the process of becoming a party, when telling new stories in the curriculum, creates other ways of experiencing a party. To analyze the parties forged by bodies in a curriculum and not just those held with a set day and time, observations were carried out in two classes, one class from the 1st year of elementary school and the other from the 2nd year of elementary school, from a school of the Belo Horizonte municipal network. Furthermore, interviews were carried out with children and adults at the school to find out what was understood as parties and their effects on bodies. It is shown, then, that bodies in becoming party, by creating openings in the curriculum, promote cracks in what is conventionally called a school party.

¹ Doutoranda em Educação (área de concentração: Currículo) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduada em Pedagogia pela mesma Universidade. Atualmente é professora na escola Balão Vermelho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1854-2778>. E-mail: camilaamorimcampos@gmail.com

² É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005), mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008) e doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016). É professora do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando no 1o. ciclo de formação humana, e do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG, na linha de pesquisa Currículos, Culturas e Diferença. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8051730003649059>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0668-1989>. E-mail: mariacarolinasilva@hotmail.com

Keywords: Curriculum. School parties. Body. Becoming.

1 Introdução

As festas compõem com as nossas vidas. São muitos os motivos que temos e encontramos para fazer festas. Fazemos festas com boas notícias, com as memórias de um dia que nos arrancou sorrisos, com a chegada de alguém, para celebrar a vida, com a chuva que cai e refresca dias quentes, ao ouvir uma música e sentir nosso corpo sendo atravessado, com a aprovação em um processo seletivo, ao sentir um cheiro que lança nosso corpo a mundos outros, com lembranças, com um bom encontro. Fazemos festas com o corpo, com a vida e pela vida. Não obstante, as festas compõem com o currículo e ocupam nele um lugar significativo. Entendidas, muitas vezes, como um evento da escola em que apresentações são ensaiadas e exibidas às famílias e à comunidade, as festas escolares são, neste trabalho³, estranhadas. Isso porque o currículo com festas de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte que, no ano pós-pandemia, evidenciou que, por mais que as festas sejam cada vez mais recorrentes no cotidiano escolar, no ano 2022, elementos considerados como componentes da “cultura festiva” (Cândido, 2007) e essenciais para uma festa acontecer, não tiveram espaço no currículo. No entanto, e justamente por isso, ele dançou! Ele fez festa! Ele festejou! Festejou e nos ensinou novas maneiras de fazer festas provocando rachaduras naquilo que se convencionou chamar de festas escolares. Mesmo porque os signos das festas “que transpassam os corpos intensivos das crianças não se sujeitam às palavras de ordem, nem às prescrições” (Gonçalves; Delboni, 2020, p.346). E foi assim que fomos percebendo que os corpos forjavam saídas das histórias com roteiros prontos para criar e contar as suas, para fazer festas impensadas.

Assim, para analisar as festas forjadas pelos corpos em um currículo e não apenas aquelas feitas com dia e hora marcadas, foram realizadas observações em duas turmas, sendo uma turma do 1º ano do ensino fundamental e a outra do 2º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Além disso, foram realizadas entrevistas com as crianças e adultos da escola para saber o que era entendido como festas e seus efeitos nos corpos. Por meio das narrativas e entrevistas, procuramos entender o que era criado no encontro dos corpos com os signos das festas em um currículo. As narrativas foram acionadas tendo em

³ Este trabalho é resultado de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que tem buscado analisar o que corpos em devir-festa provocam em um currículo dos anos iniciais do ensino fundamental.

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

vista que somos ouvintes e criadores/as de narrativas. A narrativa não se preocupa em determinar o que passou, mas o que está se passando; não pretende dizer como as coisas aconteceram, mas criar um campo no qual a invenção do que aconteceu possa ocorrer. Poder ouvir, poder ser ouvido, poder se ouvir, se ver, se rever são operações por meio das quais “o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado” (Foucault, 1994, p. 12). Além disso, as narrativas permitem mostrar a emergência de outros modos de existência no currículo.

Entendemos o corpo como feito de linhas (Deleuze; Guattari, 1996). O corpo é produzido em um encontro, ou seja, um corpo ao encontrar-se com outro compõem uma relação em que são afetados mutuamente. É nessa afecção que o corpo se define. O corpo é permeado de sentidos sociais (Butler, 2021). O corpo é um enxame de forças. Ele é o criador de brechas no currículo. Ele, que tenta ser capturado por todos os lados e em todos os sentidos no currículo, é capaz de escapar e criar. É o patrulhador de senso comum e, ao se agenciar, quando menos se espera, faz festas. Entendemos que o corpo, ao chocar com as forças múltiplas no currículo, produz, cria!

Já currículo é entendido como território “que dá o que pensar, o que fazer, o que dizer e o que criar, indefinidamente, na educação, se movimentando para acolher a todas as pessoas que se conectam com a diferença, que lutam, desviam, transgridem e insurgem para fazer a vida triunfar” (Paraíso, 2023, p.154). Ele é “um espaço privilegiado para experimentações, vivências e práticas” (Caldeira, 2016, p. 796). É território que inventa “travessias, produz efeitos de margem: fim das continuidades e ultrapassagem das fronteiras. Encontra mistérios. Cria outras materialidades para os saberes-fazer” (Corazza, 2007, p.4). O currículo é território para os corpos criarem outros mundos. É território para os corpos ensaiarem formas de existir.

As festas, aqui, não têm nada a ver com passos ensaiados. Não atendem a nenhum protocolo estabelecido. Não são somente mais um evento da escola com data e hora marcada para acontecer. Festas são movimentos de criação que insistem em chocar com as regras. Foi nessa movimentação que as crianças nos mostraram corpos em *devir-festa*. Devir é movimento, é “rizoma, contágio” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 19). É “encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em proveito de uma matéria não formada” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 27). O “devir é afirmar o fluir e o destruir, o fluxo e refluxo com rejeição de qualquer estado que

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

remeta à perenidade, durabilidade e estabilidade” (Azeredo, 2009, p.34). É nesse devir contagioso de Deleuze e Guattari, que “não é um nem dois, nem relação de dois, mas entre dois, fronteira ou linha de fuga, de queda, perpendicular aos dois” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 96) que nos lançamos aos movimentos do devir-festa. Devir-festa refere-se à capacidade dos corpos de buscar por novos encontros e nesses encontros afetar-se, fazer festa. É o movimento que possibilita aos corpos dissolver uma ideia única de festas no currículo. Um corpo em devir-festa inaugura novas formas de fazer festa e é estranho a toda forma. Uma força que faz festas para afirmar a vida e para recusar aquilo que a asfixia. O devir-festa é um encontro!

Assim, este trabalho, inserido na perspectiva pós-crítica em educação, que nos possibilita colocar para dançar as certezas limitantes e homogeneizadoras de se fazer pesquisa, que nos mobiliza a atentar-se às frestas que são criadas no currículo para ver os desvios que são feitos, tem como objetivo mostrar como o *devir-festa* atravessa esse currículo e promove rachaduras no que se convencionou chamar de festa escolar. Argumentamos, então, que um corpo em devir-festa ao contar novas histórias no currículo cria outros modos de vivenciar uma festa.

2 Festa ou bagunça? a criação de outros modos de vivenciar uma festa

Movimento 1

Em uma manhã com prova de matemática na sala do 1º ano, *antes de começarem, a professora conversa com a turma sobre ‘como deve ser a postura de um estudante que faz prova’*. Registra no quadro: *‘Não conversa, senta virado para frente, não pergunta para o colega, concentra só na sua prova, fica quieto’*. A professora faz a leitura da 1ª questão. Talita bate com um lápis na mesa. Enzo dança. Professora: *“Para de batucar, Talita! E Enzo para de dançar!”*. A professora grita para pararem e reforça que a 1ª coisa que ela falou foi sobre silêncio. Passa para a próxima questão na tentativa de acalmá-las. Nada parece adiantar. As crianças levantam, pedem ajuda, conversam com as que estão próximas. Talita, sentada na primeira carteira, vira-se para trás: *Camila, olha. ‘Desenrola, bate e joga de ladinho’*. Em seguida, estala o dedo para Bianca que percebe, abre um sorriso, levanta e dança com Talita sem cantar. Enzo e Gabriel também entram na dança. A professora avisa que irão ficar sem recreio se essa festa não acabar. Eles continuam dançando. Antes de a professora continuar a

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

leitura, Talita vira-se para trás, chama por Bryan e Adriel que estavam quietos e com a cabeça na carteira aguardando o silêncio. Pisca para eles e rapidamente os dois começam o batuque com lápis. A professora recolhe as provas e diz que pensará se a turma terá chance de continuar depois do recreio. Formam filas para descer para o recreio. A professora vai chamando uma criança de cada vez. Talita, Bianca, Enzo, Gabriel, Bryan e Adriel caminham até a porta dançando. A professora os/as separa. Cada um/a simula o batuque do seu lugar e trocam sorrisos. Quando entram para lanchar, eles/as sentam juntos e continuam a batucar como se tivessem com um lápis na mão (Diário de Campo, 22 de novembro de 2022).

Movimento 2

O relógio da professora do 1º ano marcava que estava na hora do ensaio. Mas no relógio de algumas crianças era a hora de visitar outros mundos. Ela *desceu com a turma para o parquinho. Iam ensaiar para a festa junina. Naquele dia o ensaio não aconteceu na quadra porque algumas barraquinhas já estavam sendo montadas. As crianças brincavam. O professor de educação física chegou e pediu que agora concentrassem para o ensaio. Antes, Bianca, Fernanda, Adriel, Natan e Lucas estavam brincando que cada um dos quadrados do chão os/as levavam a algum lugar. Lugares inusitados! Riam e gritavam contando por onde estavam passando. Natan, por exemplo, foi parar em um lugar onde as crianças eram as donas do mundo. “Elas que sabiam de tudo”. Bianca disse que queria encontrá-lo, mas o caminho estava difícil. Riam muito. Apesar de o professor pedir concentração, enquanto ensaiavam a parte em que tinham que pular, levantar a peneira e encostá-la na do/a colega, eles/as continuaram imaginando o quadrado. Adriel não aguentou e gritou que estava chovendo figurinha da copa. Lucas pediu para pegar as raras. Riram alto e quando foram compartilhar os diferentes mundos a professora os/as separou e disse: esse tipo de festa vocês deixam para fazer em casa. Lá com a família de vocês. Porque aqui a coisa é séria e o dia da apresentação está chegando. Não é o dia e do jeito que vocês querem não. As crianças não seguraram o riso. Fernanda até aumentou o tom de voz para dizer: eu caí na ilha do choque, professora. Aí eu não consegui parar. Lucas: e olha o seu cabelo! O professor de educação física se aproxima e ensaia ao lado de Lucas que continua rindo mesmo sendo controlado pelo olhar da professora. Quando terminaram, Bianca, Fernanda, Adriel, Natan e Lucas subiram rindo e como se estivessem tomando choque. Antes de entrarem em sala, a professora diz: vocês não têm jeito mesmo né?! Parece que gosta de ver a gente brava. Pode ir parando agora...*

Movimento 3

No recreio as crianças adoravam subir em pés de frutas. *A quadra da escola, segundo elas, tinha pé de laranja, pé de manga e pé de pêssego. Por isso mesmo elas lanchavam bem rapidinho. Algumas chegavam correndo, passando a mão na boca e terminando de engolir. Tudo isso para ser uma das primeiras a subir nas árvores e não ter que ficar muito tempo esperando. O tempo era muito curtinho! Às vezes a fila era tão grande que nem dava tempo de todas subirem. Quando isso acontecia, as crianças iam para a fila ouvindo o que o/a colega tinha feito ou visto naquela árvore. O Davi um dia viu o jogo da copa que estava acontecendo lá do outro lado do oceano. Nesse dia, no jogo que ele estava assistindo, o Brasil ganhou com um gol do “Pombo”. Ele contou para seus/suas colegas que, juntos/as, correram pela quadra para a festa da vitória. Muitas crianças corriam e gritavam: Éee do Brasiiiiil, sil, sil! Era contagiante! Mas o apito tentava falar mais alto que era hora de subir...agora para a sala. Naquele dia, a fila só aconteceu até a saída da quadra. No caminho até a sala, as crianças subiram como se tivessem dado nós frouxos em seus corpos. Vibravam com os braços, olhavam para cima e simulavam gritos. A professora rapidamente pediu que subissem em fila e disse que essas crianças arteiras iam sossegar já, já. Elas ouviram sem escutar.*

As crianças vivenciaram um ano em que as festas “da escola mesmo” não ganharam muito espaço no currículo com festas. Elas, inclusive, se perdiam ao afirmar que não teve festa, depois diziam que sim, “teve uma”. Ao mesmo tempo, deixavam claro que “foi bom”. Evidenciavam que “nada se cria em definitivo. A vida se recria todos os dias [...]” (Chaves, 2016, p.149). Ao mesmo tempo, mostravam que muitas festas aconteceriam naquele ano. Já imaginou fazer festa até mesmo em um momento em que é pedido muito silêncio? Como as crianças gostam de criar! Para a criação não existe preguiça, não é necessária uma conversa que ensine como deve ser a postura de quem cria. E isso causa estranhamento! Crianças que estão sempre conversando, movimentando. E por que deveriam parar? Porque aquele era um momento em que nos ensinaram que um corpo precisa ficar quieto. Se não ele não concentra, ele não é capaz. Em um momento onde o silêncio é imprescindível e em que foi reforçado no quadro sobre como um corpo deve se comportar, Talita se atreve a desordenar. Ela desordena aquilo que quer limitar seu corpo. Que quer ensiná-lo a ser. Talita deixa-se ativar pela vida e desaprende as verdades que lhes tinham sido ensinadas e que ela assimilou para assim poder fazer algo que não fosse esperado. Ela experimenta as potencialidades do corpo e provoca na

professora uma confusão daquilo que ela entendia como festa ao afirmar que se aquela festa não acabasse, eles/elas iriam ficar sem recreio.

Rapidamente lembramo-nos de Soares (2020) ao dizer que “o devir é a possibilidade de mudança, uma energia mobilizadora que possibilita experimentar outros modos de vida” (Soares, 2020, p.68). Assim, no ritmo de um *devir-festa*, Talita movimentava o currículo com festas e cria outros modos de vida, outros modos de estar no mundo. Busca outras maneiras de viver e se expressar. Ela explora as potências de seu corpo para buscar na vida um sentido próximo a ela e que se afasta de definições. Mesmo porque corpo “é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas” (Goellner, 2007, p. 29).

Não obstante, Bryan e Adriel abrem mão de sensações limitadas e comportamentos contornados pelos poderes-saberes e se lançam aos embalos de Talita. Assim, contagiados por um *devir-festa* escapam do corpo que “não conversa, [que] senta virado para frente, [que] não pergunta para o colega, [que] concentra só na sua prova, [que] fica quieto”. Ademais, o devir ocorre “a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 67).

As crianças, com os corpos abertos à dessemelhança, procuram outros modos de sentir a vida! Mostram que a festa que “as crianças não têm referência”⁴ é a festa que, de alguma forma, tenta disciplinar, controlar, vigiar, punir, ofuscar, limitar, ensaiar, entristecer seus corpos. Afinal, se “existem, neste Universo, criaturas que não querem saber de alegrias tristes, mas só de alegrias que as regozijam, por serem o que são e por chegarem aonde chegam, por meio de suas potências infantis, essas criaturas são as crianças!” (Corazza, 2007, p.3).

Na pulsação do *devir-festa* as crianças burlam as regras e festejam às escondidas. Elas exploram até mesmo um momento de prova e criam trajetos nos seus percursos. Bianca, por exemplo, evidencia que seu corpo rasgado pelo acontecimento, se abre ao devir, e não é aprisionado pelo momento de silêncio. Necessário lembrar, do que é possível aprender com Zourabichvili que “estamos em presença de um agenciamento todas as vezes que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de

⁴ Em uma das nossas conversas com a diretora, ela ressaltou que as crianças, devido à pandemia, não tinham referência de festa.

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

signos correspondentes” (Zourabichvili, 2004, p.54). Assim, Talita com seu corpo em *devir-festa*, ao estalar os dedos, e aproximar Bianca, mostra que o encontro desses corpos apresenta ao currículo com festas um mundo novo, com novos caminhos. Elas “não afundavam estradas [do currículo com festas], mas inventavam caminhos” (Barros, 2018, p.57).

Caminhos que também foram experimentados por Enzo e Gabriel. É importante destacar o que Deleuze nos ensina acerca do devir, que esse não é “atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou indiferenciação” (Deleuze, 1997, p. 11). Ou seja, o que Enzo e Gabriel fizeram não foi uma imitação. Mesmo inseridos em uma lógica da formatação dos modos de vida, eles conseguem transitar nas brechas. Isso porque ao serem afetados, fogem às formas estabelecidas experimentando novas sensações “[...] porque todo corpo é capaz de criar e vivenciar outras existências” (Soares, 2020, p.70).

Por isso mesmo, no recreio elas adoravam subir em pés de frutas. *E não era só isso*. Não foram poucas as vezes que as traves do gol, ou os degraus da arquibancada se transformarem em árvores. Não foram poucas as vezes que ouvia-se também que naquele dia era para as crianças escolherem “outra coisa para brincar já que aquilo tinha virado festa e em festa tem organização” e “não era para ficar todo mundo em uma coisa só”. Algumas crianças, ao ouvir, franziam testas, corriam, mas, em poucos minutos, já estavam próximas uma das outras e em fila para a subida. Aquela fila não precisava de nenhum adulto para organizá-la. Algumas crianças aguardavam balançando as mãos de ansiedade para chegar sua vez. Outras pulavam. Outras iam até a outra ponta da quadra e voltavam. A fila era ocupada por olhares de quem seria o/a próximo/a. Quando alguém narrava o que estava vendo, elas vibravam juntas. Se tinha alguma criança longe e percebia a movimentação, vinha correndo para saber o que era. Virou mesmo uma festa! Uma festa de devires. Um *devir-festa*. Era evidente que “nos devires que criam em seu imaginário, nas experimentações que degustam e nas linguagens que fabulam, as crianças experimentam as intensidades dos signos em seus corpos” (Gonçalves; Delboni, 2020, p.343). Por isso elas trilhavam caminhos incontrolláveis! O caminho até o mundo da criação. E qual é o caminho até o mundo da criação? Sem pensar elas responderiam que não tem. O acesso até ele é um mistério.

Elas só evidenciavam que ao percorrerem esses caminhos, seus corpos estavam sedentos de vida e com “desapetite para obedecer a arrumação das coisas” (Barros, 2018, p.58), como

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

nos ensina Manoel de Barros. Naquele dia não tinha outra coisa para brincar. Não tinha como “organizar a quadra”. Só tinha “espera só mais um pouquinho” quando o apito avisava que era o momento de formar a fila para subirem para as salas ou “deixa só mais hoje” quando eram convidados/as a brincar de outra coisa.

Evidenciam também que o devir “diz das forças que nos afetam, que nos arrastam para outros lugares e dissolvem nosso chão, nosso território” (Soares, 2020, p.74). Ao se aventurarem em outros lugares, os corpos, agenciados às intensidades do *devir-festa*, mesmo que por alguns instantes, mostram que momentos viram festas e que elas são mesmo “algo para se sentir”. Abrem-se às sensações de estar experimentando algo novo e não precisam de organização como era esperado, pela escola, para acontecer.

Os corpos que experienciam o *devir-festa*, mostram que a “vida é o puro devir do real que não se constitui apenas nos estados de coisas (...), mas em toda uma trama de relações que nos constituem, que nos tocam, que nos tornam; viver seria a potencialidade do acontecer na relação (...)” (Fernandes, 2014, p.899). Assim, por mais que uma festa seja constituída de normas, regras que se arranjam, que geram relações e conduzem a uma forma, uma forma de fazer, essa forma é dissolvida pelo corpo em *devir-festa*. Ao acontecer isso, as relações perdem seu sentido e novos arranjos de força são estabelecidos. O corpo em *devir-festa* é capaz de forjar novos contornos para em seguida diluir territórios, fazendo nascer outros tão impulsores e fugidios quanto os anteriores.

É possível imaginar esse mundo que Natan visitou. Um mundo em que as crianças “que sabiam de tudo”. Uma aventura que se compõe em devires. As pessoas ficam com vontade de habitar esse mundo de potência criativa. Como elas são ousadas! Mostram-se capazes de se transportarem para diferentes mundos. Um mundo que elas criam ao compor com o devir-criança. Afinal, são arteiras. Ser arteiro/a implica em entender que “o devir foge, escapa à história, para criar algo novo” (Aspis, 2016, p.433). Ensaiar o passo da peneira sem cair em outros mundos era pouco demais para aqueles corpos que se transformavam rapidamente e já estavam a caminho de uma nova aventura.

A professora tenta impedir a aventura ao separá-los/as e deixar claro que as festas escolares são sérias e que o dia está chegando. Ela evidencia que as festas escolares carregam em seu caráter pedagógico “a escolha das datas a figurarem nos calendários escolares, os conteúdos escolares presentes nos programas das comemorações, até as formas de agir e se

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

comportar” (Cândido, 2007, p.38). Mas as crianças mostram que o corpo quando entra em *devir-festa* se torna contador de histórias incríveis, múltiplas. Não daquelas histórias em que o movimento atribuído “é único, universal e necessário: não se pode escapar, não se pode criar” (Aspis, 2016, p.433). Essa história não ousa liberar a imaginação nem fugir dos traços acostutados. Ela pede por uma série de acontecimentos determinados.

Acontecimentos determinados que parecem mesmo dar choque no mundo de Fernanda. Um choque que representa alto risco. Essas crianças fazem parte de uma história bem diferente das que já foram criadas por aí. É história das vidas. História sem rascunho prévio, sem ensaio. História de corpos que querem escapar dos moldes, das amarras numa criação contínua. Elas experimentaram de outra forma. Mesmo porque “tudo é possível, desde que se criem os possíveis, os possíveis têm de ser criados, não são dados” (Aspis, 2016, p.433), não têm história.

Entretanto, naquele momento, no contexto escolar, com todas as suas demandas e a pressão com a aproximação do dia da festa, não havia tempo para criar. Era preciso seguir o ensaio com os passos pensados para aquele momento. Era preciso fazer o passo certo. E as crianças estavam fazendo. No entanto, elas estavam também compondo com a criação. E “esse tipo de festa” que as crianças queriam, teria que ser feita em casa, “junto com a família”.

Eles/as não tinham jeito mesmo! Usavam da inventividade para resolver os problemas de maneira mais leve. Seus corpos não queriam ser capturados por aqueles passos que não provocavam boas gargalhadas e “arrepriavam” o cabelo. Só queriam seguir em direção aos mundos criados acompanhados das incertezas e das possibilidades. E ao fazer isso, elas arrastam os percursos do currículo, abrem outros caminhos e habitam em outros mundos. E não é porque gostam de ver a professora brava. Mesmo porque segundo a Bianca a professora é “uma fera daquelas quando fica brava. E ela está ficando direto”.

É importante destacar que se tratava de um ano pós-pandemia, e que, diante de tantas demandas no currículo com festas, o investimento nos ensaios foi menor quando comparado a anos anteriores. Talvez por isso as crianças tenham sentido uma cobrança maior e percebido a professora como uma fera com frequência. Ao mesmo tempo, para a professora, com seu corpo já capturado, formatado, era mesmo difícil acompanhar aquela aventura. Era preciso coragem para enfrentar os riscos. Os riscos de sair sem pensar num ponto de chegada, os riscos de sair com corpos em choque. Afinal, “o mundo se experimenta; [e] algo que talvez sempre tenha existido é o fato de as crianças experimentarem o mundo, até descobri-lo da forma que elas

mais gostem ou que melhor se identifiquem” (Freitas, 2017, p.94). Só entra nessa história quem tem coragem.

Ao deixar claro que devir “é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10), como ensinou Deleuze e Parnet, as crianças mostram que “deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência” (Rolnik, 1993, p.243). Ao fazer do seu jeito, mostram as forças de um devir-festa que não se deixa aprisionar por um conjunto de regras a serem seguidas e que carecem de inventividade para manter a vitalidade.

Demonstraram também em seus movimentos a potência do múltiplo, da abertura do corpo para o novo, a transformação diante do imprevisível. Expressaram que um corpo é capaz de muitas coisas, é capaz de se transformar a partir de um encontro, de vivenciar algo excepcional, de ter as forças de um devir-festa que quer experimentar a vida. Dançar com corpos em *devir-festa* é, também, para corajosos e corajosas. É rir do inesperado. O inesperado que muitas vezes, em nós, adultos/as já vem acompanhado de soluções e respostas prontas. Com as crianças em *devir-festa*, ele samba.

Com seus corpos em *devir-festa* as crianças nos apresentam outros tipos de festas no currículo com festas. Não dá para esperar o bilhete informando o horário marcado para acontecer e nem a roupa que deve estar trajado/a. Isso porque esses movimentos são da ordem do acontecimento. E não é possível saber quando é que ele vai acontecer. O acontecimento é imprevisível! Ele opera uma ruptura do aqui, do agora. E aí o currículo precisa movimentar-se. O currículo com festas, assim como as crianças, é arteiro e corajoso e mostra que “[...] não há currículo que não indique entradas e saídas para novas vidas, percursos para outras formas de existência, incidências sobre inéditas possibilidades de viver” (Corazza, 2013, p. 164).

As crianças já não aguentavam mais as limitações daquele ano de 2022. Parece mesmo que tudo para elas é festa. E que bom que é assim! Elas precisam contar suas histórias. Assim como Manoel de Barros (2018) ensina sobre “delírios”, o currículo com festas investigado evidencia que existe um *devir-festa* capaz de fazer corpos delirar. Um *devir-festa* “que é capaz de movimentar as estruturas, de brincar com a lógica dos sentidos, invencionar outros modos de ser e estar no mundo de maneira imperceptível, de criar possibilidades para o aprender por meio das multiplicidades” (Soares, 2020, p.86) no currículo com festas.

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

As crianças vivenciaram o currículo com festas com leveza. Com seus corpos em devir-festa dançavam nas regras, nas normas e no tempo. Mostravam, como amigas da vida e do movimento, que apesar de o currículo definir somente três festas para serem celebradas no ano escolar daquela escola, de os/as professores/as serem devorados/as pela preocupação com o ensinar e com a falta de tempo, que para a criação de uma festa bastava um bom encontro. E assim seguiram fazendo festas.

Referências

ASPIS, R. L. Notas esparsas sobre filosofias da diferença e currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 16, n. 3, p. 429-439, set./dez., 2016.

AZEREDO, V. D. de. Devir. *In*: AQUINO, J. G.; CORAZZA, S. M. (org.). **Abecedário: educação da diferença**. São Paulo: Papirus, 2009.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CALDEIRA, M. C. da S. **Dispositivos da infantilidade e da antecipação da alfabetização no currículo do 1º ano do Ensino Fundamental: conflitos, encontros, acordos e disputas na formação das crianças de seis anos**. 2016. 264f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo, 2018.

CÂNDIDO, R. M. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890- 1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CHAVES, S. N. Formação e docência: o desafio de ser semente. *In*: CHAVES, S. N.; BRITO, M. R. (org.). **Formação, Ciência e Arte: autobiografia, arte e cinema na docência**. São Paulo: Livraria da Física, 2016, p.141-151.

CORAZZA, S. M. Para pensar, pesquisa e artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. *In*: Deleuze Pensa a Educação: a filosofia da diferença. **Revista Educação Especial: biblioteca do Professor**. São Paulo: Segmento, 2007.

CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013.

DOI: 10.24024/23585188v17n2a2024p064076

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs 4**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FERNANDES, F. S. Biografia do orvalho: considerações sobre narrativa, vida e pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 896-909, ago. 2014.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 28-40.

GONÇALVES, C. B. V.; DELBONI, T. M. Z. G. F. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21. n. 63. out./dez. 2020. (Seção Temática Docência, currículo, didática, aula: fantástico arquivo político da diferença).

PARAÍSO, M. A. **Currículos: teorias e políticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, p.241-251,1993.

SOARES, É. M. **Devir-selvagem da criança na educação infantil: um currículo entre voos e pousos da Mariposa**. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio Janeiro: Sinergia, 2004.